

LIÇÃO, JOSÉ MEDINA

*Tríduo Pascal dos colegiais de Comunhão e Libertação.
Rimini, Itália, 3 de abril, sexta-feira de manhã*

Cantos: *Minha Festa*
Red River Shore

O AMOR À VIDA

Como é que se faz para conseguir viver uma vida autêntica, para viver agora um momento verdadeiro, como dizia a canção que ouvimos ontem à noite, um momento em que eu fui olhado, em que me senti eu? Para nós, a dúvida de que isto seja possível leva-nos a amortecer a realidade, o impacto da realidade, a esquecer. Deixamos esvanecer o desejo de sermos autênticos, de viver este momento sempre, hoje, agora. Perdemos o sentido da urgência dramática da vida.

Dizia Pasolini: “Amo ferozmente, desesperadamente a vida. [...] Amo o sol, a erva, a juventude. O amor pela vida tornou-se para mim um vício mais fatal do que a cocaína”. A urgência, o desejo de ser, de viver, que se revela de cada vez, cada segundo, como promessa, não é um pensamento, não é uma coisa em que tenho que pensar. Basta estar vivo para sentir a urgência dramática, o desejo de ser verdadeiramente eu. “Como tudo irá acabar?”, pergunta-se Pasolini; e responde: “Ignoro-o”¹.

A REALIDADE PROMISSORA E O SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA

No primeiro impacto, a realidade apresenta-se como promessa, como fonte de afeição. O primeiro dia de escola, a primeira vez que se sentiu olhado por aquela jovem, a novidade, o novo na vida, apresenta-se como promessa que desperta um interesse. No primeiro impacto, o homem tem uma intuição de positividade, da bondade que a realidade revela, e por isso o homem afeiçoa-se. O homem afeiçoa-se à realidade não graças a um cálculo – ele não sabe o que vai acontecer – mas porque a realidade “promete” alguma coisa.

Ao mesmo tempo, o homem não sabe o que é esta promessa ou como será cumprida. O homem reconhece a promessa, há dentro dele algo capaz de reconhecer uma correspondência, mas não sabe o que “falta” nem como será realizada.

A PERGUNTA

O fato de você não saber ou não poder imaginar como é que esta promessa será cumprida, quer dizer que não tem a capacidade de cumpri-la, que precisa de um Outro que espera, que mendiga, como o pedinte que não tem sequer o direito de pedir, não tem nada para dar em troca. O mendigar é constitutivo do homem, não é um defeito. Não é que eu tenha nascido torto ou quebrado, porque da mesma maneira que eu percebo quem sou eu, da mesma maneira como eu tomo consciência de quem sou no embate, no encontro com a realidade, do mesmo modo compreendo que sou necessidade de “outro”. O mendigar não é um defeito, mas sermos verdadeiramente nós mesmos.

E é por isso que a oração, o pedir, o urrar, o gritar, é o ato fundamental do homem, o mais concreto que pode existir. Reza quem é razoável, razoável porque aberto à possibilidade de um cumprimento. Aberto no sentido em que, dando-se conta da dramaticidade do pedido, afirma o fato de que não sou eu que me faço. O pedir, o mendigar, é a escolha mais razoável que se pode fazer, quase natural, como o pedido de uma criança.

A TENTATIVA DO HOMEM

Mas o homem, diante do pensamento de como irá se realizar a sua própria vida, perde a paciência e pensa: “Faço eu!”. Mas fazendo eu, o cumprimento daquela promessa que intuo no encontro com o real ficou reduzido à minha medida, à obra das minhas mãos e por isso é uma tentativa viciada desde o início.

Escreve um de vocês: “Desde que me dei conta de que estava apaixonado, também percebi que tenho um grande desejo de amar [o primeiro momento em que uma pessoa se apaixona é o momento mais verdadeiro, porque uma pessoa percebe imediatamente uma promessa imensa, está diante daquela jovem maravilhado pelo fato de que exista uma pessoa que olha para ele], mas é como se nunca conseguisse estar diante dela. Muitas vezes me parece que “desperdiço” a sua presença, pois queria fazer-lhe uma carícia, mas acabo arranhando-a. Queria respeitá-la, mas muitas vezes uso-a. É desta minha incapacidade que nasce a pergunta: o que é que falta?” Como é que eu posso amar verdadeiramente, de forma autêntica?

Outro de vocês diz: “Quando eu era pequeno, tive uma doença. Agora voltou sem aviso prévio. Como é que faço para viver isso em primeira pessoa, já que não quero simplesmente suportá-la?”

Eu e você não podemos imaginar como a promessa será cumprida, não sabemos como realizá-la. E sentindo esta impotência que é constitutiva do homem, esta mendicância que é constitutiva do homem, acusa-se a realidade, acusam-se as circunstâncias, de mentir. Eu quero viver, viver verdadeiramente e você (a doença, a minha incapacidade) não me ajuda, não me deixa em paz. Por isso encaramos a realidade, as circunstâncias e os acontecimentos como obstáculo. Acusa-se a realidade de trair, de ser um jogo malvado, trágico, que promete, mas não cumpre a promessa, que decepciona.

A DÚVIDA

Se der ouvidos a este pensamento, a abertura à vida, ao encontro com a realidade que fez surgir em mim uma curiosidade e o pressentimento de uma promessa, transforma-se em dúvida. A dúvida é muito traiçoeira, porque não é que uma pessoa afirme outra coisa, não é que uma pessoa tenha visto na realidade alguma coisa que o leve a dizer: “A promessa não será cumprida”, não é que tenha visto outra coisa, mas é como se por um momento desviasse o olhar e perdesse a energia de viver. Em vez de uma curiosidade, introduz-se uma perplexidade, e em vez de estar diante da jovem (assim como diante dos livros, dos amigos), conscientes da promessa que despontou naquela primeira vez que a encontramos, entra um “talvez”, um “mas”, um “talvez não seja verdadeiro”. A dúvida corrói a energia do homem. É como quando uma pessoa tem dificuldade em resolver um problema de matemática: o fato de não saber resolvê-lo não quer dizer que não tenha solução; o fato de não conseguir compreender não quer dizer que ele esteja contra você, talvez queira dizer que precisa da ajuda de alguém. É isso que fazemos com a vida: diante do problema, nós dizemos: “Não vale a pena”, ou dizemos: “Não sou bom”, “nunca vou conseguir”, “o problema está contra mim”, e assim ficamos paralisados, não somos capazes de enfrentar isso, nos sentimos traídos.

Mas a dúvida não está fundada na realidade. É aquele pensamento que entra de forma traiçoeira na vida quando uma pessoa não aceita o simples fato de que não pode se realizar, que é “necessidade”. É muito mais do que precisar de um outro: você é necessidade de um *Outro*.

Quando a dúvida entra na vida, uma pessoa fica com medo. Escreve uma amiga: “Tenho medo de ir mesmo até ao fundo, porque depois vou encontrar alguma coisa de que não estou à espera [Esta se torna a nossa mentalidade dominante: como não estou esperando isso, como não está de acordo com a minha medida, então tenho medo. Mas amigos, a única coisa que interessa na vida não é encontrar a mim mesmo nas coisas, mas é encontrar alguma coisa de novo], alguma coisa que não é como eu digo, como eu estou segura, porque não sou eu que decido como é que as

coisas devem ser! O fato de não ser eu decidindo como as coisas devem ser me assusta, me faz sempre dar um passo atrás, não me faz viver. E quando tento controlar tudo aquilo que está à minha volta, o mundo desmorona sobre mim! E fico, sem mais nada, tendo perdido também a mim!” Como não sei o que vai acontecer, eu não me mexo, “como não sei como irá acontecer, não é possível”.

Quando uma pessoa dá ouvidos, dá crédito à dúvida – não razoável, porque não é fundamentada em nada –, então sucumbe, amedrontada, fica bloqueada; e da vida, do desejo e da urgência de viver uma vida autêntica, fica apenas uma tentativa de alcançar uma vida tranquila, em paz, sem sobressaltos, sem problemas, sem chorar, como os mortos-vivos, sem ser tocados por ninguém. Mas isto não é a paz. A tranquilidade não é paz, é velhice, a velhice que já não deseja, que já não é curiosa. Nós somos feitos para grandes coisas, somos feitos para uma vida autêntica, para devorar a vida, não para suportá-la. Cantemos juntos *Amare ancora* [Amar novamente].

Amare ancora

UMA ATITUDE QUE CARECE DE PROBLEMATICIDADE

O homem não é capaz de sustentar a sua posição inicial, o olhar da criança; tem medo, desvia o olhar e, fazendo isto, já não encontra significado para a dor e não quer mais nada senão esquecer, apagar a pergunta, o problema que a realidade provoca. Esquecer parece mais fácil, mais cômodo, menos trabalhoso; suspender a espera de um possível cumprimento e adotar uma atitude de reatividade mais banal (a falsidade) parece mais simples. O homem moderno tenta reduzir o impacto, o choque da realidade, tenta torná-la não problemática: “a nossa postura de homens modernos frente ao fato religioso carece de problematicidade; não é, normalmente, uma postura problemática verdadeira”². Esta atitude não “problemática verdadeira”, sobre a qual lemos na Escola de Comunidade, é a mentalidade dominante na nossa vida.

Uma atitude não problemática quer dizer que não nos deixamos provocar pela vida, que uma pessoa já não chora, que já não sente o choque da realidade. Dom Giussani diz ainda: “A vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência gerando nela problemas de variada medida. O problema é a expressão dinâmica de uma reação frente aos encontros provocantes”³. Mas o homem procura evitar o choque do real, o impacto, a reação que a vida, enquanto trama de acontecimentos e de encontros provoca em si, o homem escolhe tornar-se anestesiado (fechado), negligenciando o “eu” que é desejo de felicidade, de justiça, de verdade e, ao mesmo tempo, consciência de ser “pó”, impotente. O homem moderno faz tudo possível para não chorar mais! O problema – quando nos damos conta do choque da vida e da sua pergunta dramática – não é algo a evitar, a resolver, mas qualquer coisa para a qual olhar.

AMORTECER O CHOQUE DA REALIDADE COM O RUÍDO E AS EXPLICAÇÕES

Mas nós homens modernos não gostamos disto, incomoda-nos e tentamos atenuar o embate do problema com o ruído, com a distração; colocamos os fones, como escreve uma de vocês: “Procuro o afã que me desvia de pensar: através do divertimento e do relaxamento fujo de mim mesma, da minha infelicidade e das minhas mil interrogações acerca da vida e da morte. Encho os meus dias, coloco os fones nos ouvidos como se tivesse medo do silêncio”.

Mas quando a distração não consegue atenuar o impacto da realidade, a provocação que a realidade abre, então tentamos “fechar” o problema com explicações: cai o avião e o problema é o piloto, portanto basta resolver o problema do piloto e não voltará a acontecer aquela tragédia; estou doente, portanto é preciso uma explicação biológica. Podemos comportar-nos assim também em termos religiosos: tenho dificuldades, então Deus quer alguma coisa, de modo a explicar, a encontrar um conforto para não chorar mais e não sentir mais a dramaticidade do próprio eu.

Tornamo-nos “jovens de museu”⁴, como dizia o Papa, muito bem informados, mas assim a vida não tem fecundidade, não muda. A promessa é esquecida e somos como mortos vivos.

REDUZIR O DESEJO A OBJETIVOS ATINGÍVEIS

Diante do impacto da realidade, alguns tentam atenuá-lo apostando em objetivos que possam ser atingidos com as próprias forças. E diante do meu desejo, da promessa que vem de fora do impacto com a realidade, penso que me safo tendo uma boa nota ou indo para a universidade. Mas isso não basta, porque eu quero a vida agora, não quero uma vida “conseguida”, a soma de tantos momentos belos, quero sentir a mim mesmo agora.

A consequência de uma vida vivida assim é gélida: um homem incapaz de se afeiçoar pela realidade, que encontra todas as desculpas possíveis para se justificar, como com o problema de matemática: “Também não é assim tão importante”, ou então: “Não é para mim”, como se a vida não fosse para você.

A consequência de uma vida vivida à medida das minhas capacidades ou também da minha imaginação é um homem incapaz de amar, paralisado, bloqueado, como acontece a Novecentos, na novela de Alessandro Baricco. Para Novecentos, o protagonista do romance, o navio no qual ele nasceu é “o tudo”, até o dia em que um passageiro lhe conta a sua experiência de quando viu pela primeira vez o mar (o mar que Novecentos conhecia tão bem): “É como um brado gigantesco que grita e grita, e o que grita é: ‘Bando de imbecis, a vida é uma coisa imensa, querem entender ou não? Imensa’”⁵.

Novecentos fica fascinado por aquele relato e pela ideia de que a vida seja imensa (a realidade fez ver a sua atratividade, a sua promessa até ao ponto que Novecentos se afeiçoou e quer mover-se na sua direção). Quer descer a terra fascinado por uma promessa. Mas depois, quando já estava no terceiro degrau da escada que o levaria à desejada terra firme, volta atrás, com medo.

Novecentos nunca descera daquele navio. Nem sequer anos depois, quando decidem afundá-lo. Novecentos explica a razão da sua posição a um amigo: “Eu nasci neste navio. E aqui o mundo passava, mas duas mil pessoas de cada vez. E também tinha desejos aqui, mas não mais do que aqueles que podiam caber entre uma proa e uma popa. Tocava a sua felicidade, num teclado que não era infinito. [...] A terra, essa é um navio muito grande para mim. É uma viagem muito longa. É uma mulher muito bela. É um perfume muito forte. É uma música que não sei tocar. Perdoem-me. Mas eu não descerei”⁶.

Perdendo a relação com a realidade, ficamos sem capacidade de empenho, sem força e energia para amar a vida, sem capacidade de amor. Olhamos a vida com suspeita, com dúvida. Cantemos juntos *Canzone di Maria Chiara* [Canção de Maria Clara].

Canzone di Maria Chiara

TUDO RECOMEÇA COM UM ENCONTRO

Seria preciso voltar a ser criança, ou seja, voltar a olhar a vida como promessa. O que significa, como diz esta canção, “para quem foi perseguido, / para quem chorou de noite, / para todos aqueles que amaram [...] / a minha casa estará aberta”⁷. Voltar a ser criança quer dizer redescobrir como ponto de partida a promessa que se revela quando eu encontro a vida, ou seja, quando me deparo com um problema. Mas este voltar a ser crianças não é possível ao homem. O homem não é capaz de fazer sequer isso: ser ele próprio, com aquele primeiro gosto da existência, nem isso é possível ao homem. Por isso o homem é mendigo. Mas nós entendemos a necessidade como uma debilidade, como uma falta a superar, porque pensamos na vida segundo uma lógica de poder, pelo que o único objetivo é o de superar a debilidade, em vez de ser conscientes que eu sou esta falta, que a impotência é constitutiva do homem. Tanto assim é que no momento em que eu já não

estou consciente da minha debilidade, já não sou homem, já não sou eu. O homem tem dificuldade em ser ele próprio, em mendigar, em pedir, em ser criança, e agarra-se ao próprio poder, ao próprio agir, à própria medida; não consegue ultrapassar uma lógica de poder, como se o problema da vida fosse “conseguir” e não “ser”.

UMA GRAÇA

O que impele o homem para fora desta dinâmica e para a decisão de ser ele mesmo é o encontro, uma graça. Vê-se na experiência descrita em muitas das contribuições que chegaram.

Escreve uma de vocês: “Querida contar como a minha vida está mudando, finalmente comecei a viver! [Este é o sinal da mudança: “Finalmente comecei a viver!”] Estava cansada de dever me abandonar à decadência, cansada de viver no desconforto fazendo escolhas e coisas erradas, estava cansada de me subestimar, cansada de crer que para mim não houvesse nada de bonito e de verdadeiro [porque a realidade, a vida, vivida com a minha medida ou no esquecimento, cansa]. Mas encontrei a verdadeira liberdade quando o senhor [padre Medina] começou a fazer parte da minha vida [um encontro entra na minha vida e a partir daquele momento sou livre, “finalmente comecei a viver!”], nunca ninguém tinha acolhido o meu desejo como o senhor fez, com um olhar, nunca ninguém tinha se arriscado a mergulhar naquele abismo que impedia o meu coração de olhar e aceitar a minha necessidade!”. Releio: “Ninguém tinha se arriscado a mergulhar naquele abismo que impedia o meu coração de olhar e aceitar a minha necessidade!” Finalmente viver, ser livre, finalmente olhar a própria necessidade.

O que impele o homem a ser homem (o que impele o homem à decisão, o que torna o coração decidido no reconhecimento) é o encontro com uma presença que veicula, que nos traz algo de grande, aquele “divino escondido”⁸ de que se falava ontem. Então, encontrando aquela pessoa, de repente se respira. Outro escreve: “O ano de 2015 não começou particularmente bem: tive muitas notas insuficientes depois de recomeçar as aulas após as férias de Natal, não conseguia concentrar-me, perdendo tempo, passava os dias como um vegetal, escravo do mundo [tentativa do homem]. Para resolver este problema experimentei cortar algumas coisas, pensando assim ganhar tempo: deixei de ir aos treinos, andava muito menos com os meus amigos... mas continuava, no entanto, a ter a mesma atitude diante das coisas [a sua tentativa não funcionou, mas continuou]. Sábado, dia 7 de março, fui a Roma ao encontro com o Papa. Não me lembro de nada do que disse o Papa, estive todo o encontro com os amigos. À noite voltei para casa com um grande sentimento de vazio aqui dentro, como se algo estivesse fora do lugar; sinto o desejo de ser amado por alguém como nunca alguém tenha sido amado. O centro do meu coração está vazio [o encontro, ir até o Papa, me fez perceber quem sou eu. Eu sinto este desejo de ser amado como nunca alguém tenha sido amado. Sinto este vazio dentro de mim]. Na manhã seguinte, fazendo os trabalhos de casa na sala, voltei o meu olhar cansado para o cartaz de Natal pendurado ali há três meses (não tinha lhe dado importância até àquele momento). Fiquei impressionado com a forma como Maria olhava para Jesus, com um olhar de doçura e tranquilidade indescritível. Preciso daquele olhar”.

Na simplicidade de um encontro a vida, a visão do coração, recompõe-se. Uma pessoa pacifica-se consigo mesmo, é capaz de abraçar tudo, também as dificuldades, a morte, também aquilo que odeia, também aquilo que parece ser contrário a nós mesmos. O encontro me permite começar a ser eu mesmo.

Mas tê-lo encontrado uma vez não basta. É preciso encontrá-lo agora, ficar com ele agora porque no momento em que a presença que veicula a grandeza desaparece, eu já não consigo ser eu mesmo.

A mesma jovem de acima continua: “Com o tempo fiquei com medo, decidi que não estava pronta e que nunca estaria, que tudo aquilo era muito bonito para mim [uma obstáculo que temos muito forte, muitas vezes, mas que, se pensarem nisso, é muito estúpido: reconhecer que tudo é

que é bonito demais me causa medo. E isto é a dúvida, que não tem nada de razoável], sentia que não o merecia [mas claro! Não merece nada e tudo lhe pertence], assim deixei tudo, vedando os olhos e fechando o coração mergulhei na decadência absoluta [no medo de sempre, bloqueada]. Depois, há poucos meses aquele olhar que já tinha recebido se fez presente de novo, mas não era o mesmo olhar de antes, era o de uma pessoa da minha idade que não conhecia, e apesar disto [apesar de ser uma pessoa diferente], ‘libertou-me’ daquele modo de viver a que tinha voltado. Ele me ajudou a começar a amar de novo e a reconhecer que alguém me ama, começando por ele. E a partir daí eu comecei de novo a tomar conta da minha vida e cuidar de mim”.

Um olhar que se reencontra em gente diferente, um olhar que liberta, que ajuda a recomeçar. Um olhar que encontra a sua correspondência no vazio que eu sinto, naquela falta que gostaríamos de deixar de lado, mas que ao contrário é lugar privilegiado do encontro. Dizia o Papa Francisco na audiência de 7 de março: “O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo para com o meu pecado [para com o meu não ser, o meu ser nada]. [...] É graças a este abraço [...] que vem a vontade de responder e de mudar”⁹. É deste abraço que brota uma vida diferente.

A tentação para nós é cair na lógica do poder, pensando no meu pecado, na minha incapacidade, na minha impotência, no meu limite como algo que deve ser ultrapassado com as minhas forças ou esquecido com o ruído ou com as explicações. É uma lógica de poder que afirma, sussurrando, que em último caso há algo dentro de mim que foi mal feito. Não! Não há nada de defeituoso no fato de você ser uma espera, uma promessa que se revela na ação como mendicância.

A PESSOA TOMA CONSCIÊNCIA DE SI

É só no encontro que o eu é despertado da prisão construída com as próprias mãos e é literalmente arrastado para fora do túmulo. É uma ressurreição, um tomar consciência de si. Dizia Dom Giussani: “O resultado de um encontro é o suscitar do sentido da pessoa. [...] No encontro, a pessoa [o eu] toma consciência de si, por isso nasce como personalidade”¹⁰.

O olhar daquela pessoa que veicula a grande Presença, ou seja, o olhar de Cristo, me torna consciente de mim, finalmente posso aceitar abraçar o fato de que eu sou desejo de infinito porque não me deixo limitar pela minha pequenez.

Mas isso não é automático. Diz um de vocês: “Este percurso é cansativo, porque amar e confiar-se não é fácil, mas não há cansaço mais belo que este, um cansaço que enche o seu coração dia após dia, ao contrário das coisas simples a atingir que, mesmo que interessantes, em pouco tempo se tornam chatas”.

Vivendo radicados neste olhar encontrado, o cansaço tem um sentido, a vida já não é objeção, as circunstâncias não são obstáculo, o meu pecado não é objeção, mas condição que, graças a Deus, me ajuda a ser consciente da falta, que Tu me faltas, consciente que tenho o desejo, a necessidade de ser salvo. É isto que afirmamos quando cantamos *L'uomo cattivo* [O homem mau], que nós somos necessidade e por isso desejo de infinito.

L'uomo cattivo

O CÊNTUPLO

É preciso renascer. E este renascer, como dizia Jesus a Nicodemos, não é algo que você possa fazer com que aconteça; acontece num encontro. Mas o encontro não é o fim de um percurso. O encontro é o início de uma aventura que continua, o início de uma história destinada a investir toda a minha vida, a salvar, a invadir toda a minha vida. Pouco a pouco, a relação com aquele homem torna-se a raiz das minhas ações, entra osmoticamente definindo as minhas ações. É

preciso renascer. Jesus disse a Nicodemos: “Quem não renascer do alto, não pode ver o reino de Deus”. Respondeu Nicodemos: “Como pode um homem nascer quando é velho? Pode porventura entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e renascer?”. Como acontece a tantos de nós que se perguntam como se pode renascer. Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. Aquele que nasceu da carne é carne e aquele que nasceu do Espírito é Espírito”¹¹. Você não pode ser você mesmo, eu não posso ser eu mesmo, sem Ti, ó Cristo. Pelo que a pergunta da vida é como posso permanecer contigo. Porque é belo experimentar que finalmente posso viver, mas eu quero viver agora, e amanhã, e todos os dias, não só de vez em quando. Eu quero experimentar esta vida nova que vem de viver contigo. Por isso, é verdadeiramente traumatizante pensar que Tu não estás, Cristo. Porque se Tu não estás, eu não vivo. Eu quero experimentar agora e sempre mais esta vida nova, este cêntuplo, este cem vezes mais que experimentei quando senti sobre mim o Teu olhar. O cêntuplo é nesta vida, é uma glória terrena, é o experimentar uma vida que é finalmente vida.

Mas o cêntuplo é experimentado só por aqueles que deixam para trás, de lado, a própria medida e que não desviam o olhar de Cristo. É preciso descentrar-se, dizia o Papa, da nossa medida e centrar-se em Cristo, olhar Cristo. “Quem quer salvar a vida, a perderá”¹². Quer viver? Deixa de olhar para si mesmo. Deixa de medir a vida segundo a sua ideia, porque Deus tem mais fantasia que você, a promessa que lhe foi feita é cem vezes maior do que você pode imaginar.

“Quem quer que tenha deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, ou campos pelo meu nome [diz Jesus], receberá cem vezes mais e terá como herança a vida eterna”¹³. Deixando tudo, a tua ideia sobre o que quer dizer amar, sobre porquê estudar, sobre o que é preciso ter, deixando todas as suas imaginações e vivendo para Mim, diz-nos Jesus, encontrará cem vezes mais. Ou seja, viverá cem vezes melhor a afeição ao pai e à mãe, terá cem vezes mais paixão no estudo, amará cem vezes mais o trabalho, a namorada. O cêntuplo é aquele pré-desfrutar? Uma vida que é mais vida, uma afeição que é mais afeição. O cêntuplo é pré-desfrutar a vida como a desfrutava Jesus. É desfrutar a vida, olhar as coisas, as dificuldades, os momentos de alegria, como os olhava Jesus.

Dizia São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”¹⁴. O que significa renascer. Renascer quer dizer olhar a vida como a olhava Jesus. Mas isto você não o pode fazer por si mesmo, não sabe fazê-lo, não pode sequer imaginá-lo. Isto pode acontecer só se Ele está aqui e se permanecer centrado n’Ele. No tempo, estando com Ele, ficando com Ele, esta experiência da companhia de Cristo gera um sentir diferente, um juízo diferente, que contrasta com o pensamento dominante que não afirma outra coisa senão que a vida é um cansaço. É um juízo diferente daquele que nasce da minha medida, a qual é incapaz de se afeiçoar mais à vida. O cêntuplo não é um dilatar a sua instintividade, mas é algo de novo, é começar a experimentar o olhar de Cristo para a realidade. O cêntuplo é pré-desfrutar na minha carne o modo de viver de Cristo. Viver na carne, como dizia São Paulo, a vida da fé. O cêntuplo é pré-desfrutar em mim o modo de amar que me maravilhou, aquele modo de olhar o outro, aquele olhar que, sem lhe tocar, lhe atravessa todo, realizando em você e em mim um amor mais útil, um amor que antecipa, como estremecimento, a ternura eterna. Cantemos a *Ballata dell’amore vero* [Balada do amor verdadeiro].

Ballata dell’amore vero

A SUA COMPANHIA MUDA A VIDA

“O amor meu [...] / morre se não faz sol”. “Eu queria querer-te bem”¹⁵, mas sem o sol o meu amor morre. Não é a sua medida, não é a potência das suas mãos, não é a sua capacidade que pode mudar as coisas. A sua vida muda porque Ele está presente. Toda a nossa vida, os momentos mais

bonitos da nossa vida são testemunho desta mudança: eu descubro em mim um modo de olhar que não é meu. Já não sou eu, já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Permanecer com Ele muda a vida.

Escreve um amigo: “Neste período sinto mesmo desejável e plenamente humana uma frase da Escola de Comunidade: ‘Deus [...] juntou-se ao caminho do homem e se tornou seu companheiro’. Dei conta desta urgência na jornada com o Papa Francisco. Tinha feito tão bem a mim que tive o desejo de contá-lo a uma amiga. Enquanto caminhávamos pela rua, fui parado por uma pessoa pedindo esmola. Inicialmente fui ríspido, porque pensava contar uma coisa de tal modo importante que não aceitava ser interrompido. Todavia, o bem que tinha recebido do Papa tinha sido tão grande que percebi a necessidade de olhar com aquela medida também para o Roberto (o pedinte)”.

Quando se é tocado pelo encontro a vida muda, sem ter sequer colocado antes o problema de mudá-la. O único problema é permanecer dentro desta relação: “Voltei atrás, e perguntei-lhe por que tinha ido parar na rua. Ele me contou toda a dificuldade e a desilusão da sua vida. Enquanto contava me comovi porque via nele a mesma necessidade que a minha, a necessidade de Alguém que me salve, Alguém que tenha misericórdia da minha mesquinhez, Alguém que possa se juntar ao meu caminho. Porque sozinho perco o valor das coisas. O fato é que tive necessidade de revê-lo no dia seguinte, porque tinha feito nascer em mim todo o desejo de Jesus. Eu tenho mesmo necessidade de sentir esta urgência a cada instante, pois só assim consigo olhar verdadeiramente a jovem por quem estou apaixonado, um amigo que me pede ajuda na escola. Eu desejo ir ao Tríduo estando diante do sacrifício econômico que a minha família tem de fazer porque não consigo viver sem Jesus”.

Nós somos testemunhas deste milagre de mudança. O sujeito gerado pelo cristianismo tem a prova na própria experiência, no imprevisível milagre que acontece diante dos seus olhos: a transformação do presente: “Demonstra-o o fato que torna realistas todas as circunstâncias, ‘empenhados em todas as circunstâncias’”¹⁶.

Que este modo de viver, de amar, de olhar as pessoas entre em todo o meu agir e pensar, que estas palavras se tornem experiência cotidiana, experiência da vida; que estas palavras se tornem conteúdo do seu sentir: isto é o cêntuplo.

A afirmação da própria felicidade, ou seja, da realização de si, é a relação com Cristo, porque é só em relação com Cristo que eu posso viver plenamente as circunstâncias e os acontecimentos: “Portanto, a relação com Cristo é a verdade *destas* coisas, a verdade destas coisas está na consciência daquela Presença, na consciência daquela pertença. Em suma, esta é a fé que vive [na carne]: não é outra coisa, é uma modalidade subversiva e surpreendente de viver as coisas habituais”¹⁷.

A única resposta ao pedido dramático de Stevenson só é possível com Cristo; apesar de viver na carne, vivo tomando o mundo de caras, trabalhando como todos, e conservando o primeiro e puro prazer da existência ou, como diz Dom Giussani, mantendo “na vida original simpatia ao ser e ao real com que nascemos, ser na vida verdadeiramente como crianças (ou pobres de espírito, diria o Evangelho), porque esta positividade continua diante da realidade não é senão ser crianças”¹⁸.

Mas para que este modo de agir, de viver, de amar, de olhar as pessoas entre no meu modo de viver e de pensar, para que estas palavras se tornem experiência cotidiana, experiência da vida, para que este cêntuplo se torne o meu modo cotidiano de sentir, é preciso jogar-nos dentro da vida permanecendo com Ele.

O ACONTECIMENTO PROSEGUE

O acontecimento, o encontro prossegue só se uma pessoa arrisca-se toda nesta relação com Cristo, caso contrário permanece uma coisa do passado – certamente bela, porque senti algo de belo dentro de mim, mas do passado –; se eu não me jogo totalmente na relação com Cristo, de modo que Ele possa entrar e fazer-me desfrutar o Seu modo de viver, então não posso ser eu. Escreve um de vocês: “Tudo, a escola, o estudo, em resumo, toda a realidade que me circunda, me levou a descobrir que a única coisa que me torna alegre é seguir Jesus”, estar com Ele.

Então, o que quer dizer permanecer com Ele, o que quer dizer jogar-se a si mesmo? O nosso amigo responde: “Lendo o livro do Dom Giussani, numa carta que ele escreve à irmã diz que para começar a tomar em mãos a própria vocação era preciso entrar em relação e confrontar-se com um padre. Eu confiei neste seu juízo. [Por que confiou? Ouçam:] Porque desejo viver como ele vivia, e amar como ele amava“. Eu me jogo com todo o meu próprio eu porque desejo viver como você vive. O encontro continua. Eu quero identificar-me com o modo com que você olha o amor, o estudo, a vida, como faziam os discípulos com Jesus: “Ouça, mas o que você faz com o dinheiro? Ouça, mas estes dizem que ao Sábado não é preciso caminhar, o que faz?”. Quero olhar a vida como você a olha, porque quero experimentar na minha vida o gosto que você experimenta. Ele continua: “Comecei então a confessar-me com determinado padre; se antes estava, digamos, ‘bem comigo mesmo’, ou seja, a escola vai bem, namorada ok, casa está bem, [agora] comecei a relançar-me todo, com uma única pergunta: é isto que me pede Deus hoje? O que Ele quer? [Jesus, o que queres da minha vida?] Porque desejo cumprir a Sua vontade e não a minha ideia. Tudo isso, sobretudo, na relação com a minha namorada”. E conclui: “A experiência de Cristo é cada vez mais carne tanto que revira qualquer esquema meu, nunca me senti tão grato e alegre; esta companhia, através da qual Cristo me conquistou o coração, me dá uma certeza pela qual uma pessoa arrisca tudo em tudo, confia naquilo que vive, e começa a ser consciente de que não perde nada. A experiência vence qualquer ideia e imagem que tenho sobre mim. Antes acordava e dizia: ‘mas’, ‘talvez’, ‘quem sabe’, ‘pode ser que’ [a dúvida]. Hoje digo: ‘Hoje é assim, amanhã não sei, mas sei que hoje é assim’. É a mudança da vida que a fé propõe”.

Para poder jogar-se com todo o nosso eu é preciso chorar, é preciso pedir para ser simples como crianças, com um coração simples que se descentra, que não pensa na própria medida e se arrisca todo, se joga todo no desejo de olhar a vida como Tu a olhas, porque eu quero viver como Tu vives.

No momento em que nós perdemos esta tensão de arriscar tudo, de verificar que Cristo leva a minha vida a cumprimento, leva a vida a ser vida, no momento em que desistimos de arriscar e de correr o risco de chorar, então a vida reduz-se a projetos. A companhia, a amizade: todos belos projetos, belas tradições que recordam algo de belo que aconteceu, mas não acontece mais. É preciso, como dizia o Papa, “manter vivo o fogo e não adorar as cinzas”¹⁹. É preciso jogar tudo de nós mesmos agora. É preciso que reaconteça “aquilo” que aconteceu, agora, não “como” aconteceu ao início. Ouvimos numa carta: chegou um outro, um amigo, encontrando o qual me redespertei, me reencontrei livre, li a biografia de Dom Giussani e redescobri-me de novo e agora estou aqui no Tríduo. Tudo é permanecer com Ele, não como repetição mecânica do início, mas como impacto com uma diversidade, com uma humanidade que é diversa e que põe em movimento a minha origem, renova-me, faz-me renascer. É ser como crianças, abertos à promessa, aceitando o embate da realidade, pedindo, desejando ser como Tu. Isto me permite ser eu mesmo. A vida é agora. O cêntuplo – a vida mais vida – pode ser experimentada agora. Basta pedir a Ele: “Fica comigo”. Basta jogar-se e deixar que Ele faça: não eu, mas Cristo viva em mim. Ouçamos esta canção. É muito bela. *What can I say* [O que posso dizer].

What can I say

O SACRIFÍCIO

O CÊNTUPLO LEVA AO SACRIFÍCIO

O cêntuplo, a vida mais vida, inevitavelmente se apresenta aos nossos olhos como sacrifício. É inevitável, porque o cêntuplo propõe uma outra medida, não a minha, e por isso implica a afirmação de uma presença em vez de uma ideia minha. O descentrar-se de que falava o Papa em Roma implica um sacrifício. Quer viver? Deve perder a si mesmo. Cede, porque a sua capacidade não chega lá. Cede! Mas aquele pouco que temos, temos medo de abandoná-lo, porque nos vem o pensamento: agora temos pouco, mas se o largarmos, não nos sobra mesmo nada. Não! Abraça a sua impotência, ou seja, o fato de que você é desejo de outro e não um “pequeno nada”. Não há um ato, um agir humano verdadeiro e bom, que não implique a consciência deste sacrifício. E se não sente este sacrifício, então o seu agir não é verdadeiro, é ainda a medida das suas mãos, é expressão do seu pequeno poder.

O SACRIFÍCIO É CONDIÇÃO E NÃO OBJEÇÃO

A dor, o sacrifício que nós tantas vezes sentimos como obstáculo, Jesus propõe como a única condição para que a nossa ação seja verdadeira. “Não você, mas Eu” diz Cristo, “não a sua vida, mas a Minha. Quer viver? Larga a sua pequena medida!”. O sacrifício, então, não é obstáculo, mas condição para que a posse seja verdadeira. É aqui que se recomeça o jogo e você deve escolher: ou afirma a sua medida, a sua capacidade, e como resultado perde a vida, não chora mais, vive como vegetal, como marionete, ou deixa que entre Deus naquele vazio que sente dentro de você, e se joga todo com Ele presente. É nesta escolha que se joga toda a vida.

O SACRIFÍCIO SÓ É POSSÍVEL PORQUE JESUS MORRE NA CRUZ

Nós consideramos um escândalo este perder-se. De fato, viver assim nos parece impossível, como nos parece impossível para um homem viver a vida verdadeiramente. Eis, por isso, a misericórdia do Mistério de Deus, que diante do seu pedido, diante do seu desejo de ser você mesmo, para salvar o homem, Cristo se fez sacrifício. Cristo na cruz fez-se pecado para reconstruir a sua humanidade. Ele não chegou para condená-lo, mas tomou sobre Si aquilo que você descarta. Cristo tornou-se pecado para que assim a sua vida possa reflorescer e possa viver. Ele tomou a iniciativa. Cristo disse: “Deixa que Eu faça, abandona as suas tentativas”.

Deus na Sua misericórdia escolheu salvar o homem usando aquilo que ele descarta, aquilo que você considera lixo, escândalo. São Paulo declarava: “Nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os Judeus, loucura para os pagãos [...]; porque aquilo que é loucura de Deus é mais sábio que os homens, e aquilo que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”²⁰.

Cristo salva a sua vida, dá vida à sua vida através do gesto que a nós parece o mais impotente de todos: morrer. Jesus salvou a vida morrendo, abraçando a impotência da morte que você e eu descartamos todos os dias. Por isso abraçar o sacrifício é possível só ao homem que olha comovido e maravilhado para Jesus, mas Jesus na cruz, maravilhado pela gratuidade de Deus. Diz São Paulo: “O amor de Cristo nos impele [...]. E ele morreu por todos, para que aqueles que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles”⁴¹. Ele morreu abraçando aquilo que você descarta, aquilo que lhe dá nojo, fez isso para que você não viva mais para si mesmo, mas para Ele.

A capacidade de abraçar o sacrifício, de viver a vida com esperança, de chorar, de pedir para ser homens, nasce do sentir-se amados Cristo, da preferência experimentada do amor de Deus por mim. Esta é a raiz da nossa libertação. Cantemos juntos *Liberazione n. 2* [Libertação n. 2].

Convido vocês a viverem estes dias contemplando a fantasia de Deus, que se serve daquilo que você descarta para lhe dar a vida. A única coisa que nos é pedida é dizer sim com simplicidade, o que quer dizer olhar com coração puro aquilo que acontece diante de si mesmo. Dar prioridade à realidade que lhe é proposta. Deixar que a realidade abra dentro de você a problemática da vida. Deixar-se tocar, dizer sim. O silêncio, as indicações, as orações, as canções, são todas ocasiões para lhe ajudar a estar diante d'Ele, a dizer “eu” com verdade.

NOTAS

¹ Cf. E. Siciliano, *Vita di Pasolini*, Giunti, Firenze 1995, p. 277.

² L. Giussani, *Por que a Igreja*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, p. 60.

³ *Idem*

⁴ Francisco, *Discurso no encontro com os jovens*, 18 de janeiro de 2015, Manila, Filipinas.

⁵ A. Baricco, *Novecento*, Ed. Feltrinelli, Milão 1994, p. 47.

⁶ *Idem*, p. 57.

⁷ C. Chieffo, “Canzone di Maria Chiara”, in *Canti*, Coop. Ed. Nuovo Mondo, p. 189.

⁸ Cf. A. Tarkovskij, *Andrej Rublëv*, Ed. Garzanti, Milão 1992, p. 74.

⁹ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹⁰ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milão 2010, p. 207.

¹¹ *Jo* 3,3-6.

¹² Cf. *Mt* 10,39; *Lc* 9,24.

¹³ *Mt* 19,29.

¹⁴ *Gal* 2,20.

¹⁵ C. Chieffo, “Ballata dell’amore vero”, in *Canti*, op. cit., p. 216.

¹⁶ L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Ed. Bur, Milão 2014, p. 27.

¹⁷ L. Giussani, *Dall’utopia alla presenza (1975-1978)*, Ed. Bur, Milão 2006, p. 330.

¹⁸ L. Giussani, *L’autocoscienza del cosmo*, Ed. Bur, Milão 2000, p. 306.

¹⁹ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

²⁰ *1 Cor* 1,23.25.

²¹ *2 Cor* 5,14-15.